PALESTINA, MON AMOUR

ALFREDO BONANNO



edições insurrectas
2023

título original:

palestina, mon amour.
edizioni anarchismo, 1997.

segunda edição, 1999.
terceira edição 2007.

tradução de edições insurrectas,
primavera de 2023.

PALESTINA, MON AMOUR

AINDA HOJE SEM NENHUM TÍTULO

Catânia, 17 dezembro de 1997

Há uma particularidade na luta do povo palestino que envolveu e fascinou todas as pessoas que se aproximaram dela para compreender as suas motivações: do outro lado da barricada estão os judeus, os perseguidos de todos os tempos.

Não há nada de estranho nisso, os perseguidos muitas vezes se tornaram perseguidores. Basta pensar no que aconteceu com os primeiros cristãos no espaço de três séculos depois que eles obtiveram o poder e começaram a reprimir sistematicamente todas as vozes dissonantes. Houve muitos casos de repetição ao longo da história. Os cristãos, aos se tornarem dominantes, destruíram os pagãos, as igrejas de hoje são construídas sobre os templos de ontem. E, muito mais recentemente, não existe uma força política, por mais conturbada que tenha sido a sua chegada ao poder, que, uma vez alcançado, não tenha se lançado na mais implacável repressão. Todavia, para compreender o conflito israelense-palestino, não é apenas a voz da razão que precisa ser ouvida.

Os judeus sempre estiveram no centro das atenções e deram lugar a suspeitas ou simpatias, muitas vezes mais suspeitas do que simpatias. Expulsos de todos os lugares, por causa de insinuações e acusações terríveis, atraíram inevitavelmente a simpatia de todos os que tivessem coração, ou seja, qualquer um que fosse contra os *pogrom*[1], assassinatos em massa, massacres de inocentes e julgamentos sumários baseados em impressões e boatos. A rigidez

1 Nota de Tradução: O termo pogrom tem múltiplos significados, mais frequentemente se atribui à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, ataque violento massivo, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos de violência em massa, espontânea ou premeditada, por exemplo, contra judeus.

mental dos judeus, sua visão da vida baseada na justiça religiosa que vê o resto do mundo como impuro ou pecaminoso, amiúde colocou à prova tais simpatias. Porém, a enorme dívida histórica que lhes era devida se transformou, na Segunda Guerra Mundial, num procedimento metódico anteriormente impensável, o que reavivou simpatias e reconstituiu uma nova força de coesão internacional capaz de sustentar o caso dos assentamentos israelenses na Palestina, independentemente de qualquer outra consideração.

Há vários elementos que fizeram de Israel o ponto de referência para o apoio internacional durante muitos anos. Os massacres nos campos de extermínio nazistas, a abordagem socialista e libertária dos assentamentos iniciais, as teorias baseadas no comunismo libertário dos primeiros *kibutz*, a convivência inicialmente pacífica com os árabes, em resposta à tradicional hospitalidade destes povos. Surgiram, então, os interesses, particularmente no final da Segunda Guerra Mundial. Eles se baseavam na divisão do mundo em dois blocos opostos, com interesses estadunidenses de um lado e interesses soviéticos do outro. Era uma questão de interesse econômico numa área geográfica rica em campos de petróleo, o que atraiu a atenção dos grandes Estados imperialistas.

Os israelenses responderam aceitando o papel de guardiões do projeto ocidental de dominação mundial, mantendo sob controle, com o seu próprio exército, todos os movimentos dos Estados árabes vizinhos. Estes últimos, muitas vezes com o objetivo de dominar uns aos outros, a fim de gerir as enormes riquezas petrolíferas e desempenhar o papel no tabuleiro de xadrez internacional, ora apoiavam e ora contrastavam a oposição dos grandes Estados. Foi o movimento sionista, juntamente com os grandes *lobbies* judaico-estadunidense e internacionais – mas principalmente estadunidense – que empurrou o povo judeu por esse caminho na terra de Israel, levando a um extremismo até então incomparável em toda a história político-religiosa. Foram precisamente esses *lobbies*, capazes de influenciar a política estadunidense, especialmente durante os longos anos de domínio republicano, que estimularam os Estados Unidos a envolver o pequeno (mas feroz) Israel no papel que imediatamente assumiu: polícia "americana" no Oriente Médio.

Tudo isso reacendeu o antissemitismo globalmente, conduzindo a uma coleção indigesta de teorias antijudaicas. Nesse concentrado de estupidez encontramos revisionismos históricos como a teoria de que o holocausto nunca existiu, ou a de que os nacionalistas árabes são incapazes de considerar o povo israelense como possíveis irmãos e habitantes pacíficos do mesmo território. Por sua vez, estes últimos sobreviveram a mil anos de perseguições e massacres, mas não aprenderam com a experiência passada e se tornaram reféns nas mãos de um Estado teocrático, um dos piores tipos de organização a emergir da mente do homem. O medo de ser novamente atirado ao mar para tomar o caminho do exílio os jogou mais uma vez nos braços dos agitadores internos e externos, nas conspirações sionistas em nível local e internacional, nas estratégias de dominação mundial dos EUA.

Colocou-se em marcha um mal crescente que nada consegue agora deter, exceto um processo verdadeiramente revolucionário. Nenhuma discussão é possível e qualquer pessoa que tenha experimentado a realidade concreta e teórica dos judeus, embora por breves períodos, pode confirmar isso. Nenhuma proposta teórica será capaz de desfazer o mecanismo do cerco e do medo que há séculos se torce incessantemente sobre si mesmo. Ainda que, nesta última parte da década de 1990, após a queda do Muro de Berlim e o degelo que se seguiu à dissolução do Pacto de Varsóvia, a situação do bloqueio se mantenha inalterada em todos os aspectos. As reivindicações nacionalistas árabes em geral e as dos palestinos em particular são demasi-

ado assustadoras, e não faltam aqueles que apoiam a ideia fácil, mas traiçoeira, de "vamos nos atirar todos ao mar".

A experiência do Estado palestino, ou das "autoridades palestinas", como alguns preferem se referir, também demonstra essa impossibilidade. Não lograram a convivência baseada no respeito mútuo nos moldes das comunas libertárias, um sentimento que não desapareceu completamente entre uma certa esquerda israelense. Isto corresponde de uma forma ligeiramente diferente à tradição de hospitalidade e liberdade dos povos árabes, em primeiro lugar dos palestinos. Em vez disso, seguiram o caminho traçado pelos políticos da Organização Para a Libertação da Palestina (OLP), em particular Yasser Arafat, o verdadeiro assassino do real desejo de liberdade do povo palestino e o arquiteto de um Estado fantasma apto apenas a garantir o poder pessoal de um homem pequeno afligido por delírios de grandeza.

Os dados foram lançados com base no medo que se intensificou no campo israelense. Uma extensão radical da guerra civil em curso para os centros de poder religioso israelense poderia levar as coisas para além das condições do conflito. Todo mundo tem medo de todo mundo. Os israelenses têm medo das exigências palestinas, que ameaçariam seus privilégios (mão-de-obra barata, expropriação das casas dos árabes forçados a sair, subsídios estatais, etc.). Os palestinos temem aos israelenses que querem se livrar deles e querem expulsá-los de suas terras (e em grande parte já o fizeram), forçando-os ao exílio em campos de concentração no Líbano e na Jordânia. O medo está exacerbando as condições de conflito. Homens-bomba palestinos cheios de dinamite explodem em mercados, ônibus e escolas israelenses. A exaltada direita religiosa israelense no poder mostrou que as armas com as quais pretendem enfrentar a "convivência" com o mundo árabe (exploração, controle, repressão) são igualmente ruins.

É impossível voltar atrás. Demasiadas mortes em todas as famílias, em todos os grupos familiares, em todos os setores da vida social. Muitas mortes, muita dor, muito sangue. Tudo isso não pode ser removido com um aperto de mão, ou de um acordo qualquer como *Camp David*[2]. Apesar da existência da esquerda israelense, ontem no poder e hoje na oposição, a classe mais marginalizada dos israelenses, os sefarditas (judeus originários da África, portanto, com uma cor de pele mais escura, mas ainda de religião judaica), estão se refugiando em posições de extrema-direita em vez de favorecer negociações e acordos baseados em direitos iguais com os palestinos. Eles temem perder o direito de permanecer em Israel e serem forçados a retornar aos países de onde vieram, onde a maioria deles se encontraria certamente com a morte. Portanto, não é difícil entender por que os membros mais extremistas das organizações religiosas judaicas são de origem sefardita e constituem os capangas mais ferozes do exército e da polícia empregados na repressão.

Por outro lado, está a nova polícia palestina, os políticos da OLP. Essas ramificações desastrosas do novo Estado assumiram posições no governo de um povo atormentado por quarenta anos de exílio e perseguição, e estão colocando o poder em prática em todas as suas formas.

---

2 N.T.: Os dois Acordos de Paz de *Camp David* foram assinados na Casa Branca, perante o presidente Jimmy Carter, pelos então presidente egípcio Anwar Sadat e primeiro-ministro israelense Menachem Begin em 17 de setembro de 1978, após negociações secretas em *Camp David* (retiro do Presidente dos EUA em Maryland). Em decorrência do segundo, Sadat e Begin receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1978 de modo compartilhado. O primeiro, que tratava dos territórios palestinos, foi escrito sem a presença de nenhum integrante desse povo.

Torturam, matam, julgam e sentenciam o seu próprio povo sem hesitação. Companheiros de luta que participaram de ações extremamente arriscadas até poucos anos atrás se tornaram juízes, guardas prisionais, policiais, comandantes do exército, guarda-costas, agentes dos serviços secretos. Nos territórios liberados por concessão do governo israelense, a OLP se tornou a força repressiva de um Estado que ainda não atingiu o máximo de sua capacidade de governo, mas já embarcou no caminho de todos os Estados. Os papéis se invertem, o poder se renova, entretanto, os métodos permanecem os mesmos. Entretanto, para os milhões de palestinos que ainda estão nos campos, os exilados permanentes que foram despojados de sua terra e identidade, essa maneira de fazer as coisas é chamada de traição, uma horrível traição. Daí o medo de se verem presos em campos de concentração por mais meio século, traídos por seus próprios representantes (algo que é muito doloroso, posso dizer), além de serem atacados por incursões israelenses e participarem de um jogo político que não entendem e cujo possível desfecho não conseguem ver.

Mais uma vez, o futuro é condicionado pelo medo de ambos os lados, os empurrando cegamente para a frente em um embate que está piorando. A insurreição do povo palestino assusta políticos em Gaza e na Cisjordânia. Mais do que tudo, assusta Arafat, pois ele não consegue controlá-lo. Finalmente assusta o governo israelense, mas também assusta, e esta é a questão fundamental, o povo israelense. Ao se verem atacados em suas próprias casas, onde todos gostam de se sentir seguros, eles estão apelando para seus governantes e pedindo controles mais rígidos e repressão mais sistemática. O círculo está se fechando.

Não é possível fazer previsões e, de todos os modos, elas sempre podem ser refutadas por imprevistos. Uma mudança mais do que previsível na liderança do governo israelense deixaria as coisas como estão, à exceção de algumas mudanças formais, especialmente no discurso.

Abandonar os sonhos de liberdade de um povo enquanto ele é atacado e destruído por um Estado teocrático herdeiro da antiga ferocidade teológica, deixa um gosto amargo na boca. Será possível que tenha sido em vão tantos sacrifícios, tantas mortes, tanto sangue derramado? Nos enganamos ao escolher qual lado apoiar em nossa intervenção mais ou menos radical, mais ou menos direta, mais ou menos na primeira pessoa, e ainda estamos nos enganando hoje? Será que o problema em encontrar coragem para atacar o mecanismo de guerra israelense (os judeus novamente ou um povo pobre persuadido, sujeito aos objetivos expansionistas e militares de um grupo de criminosos no poder) é que foi levado pelo caminho errado? Será que os esforços do passado só direcionaram aos botões brilhantes da nova polícia palestina ou ao desprezo feroz de um judeu sefardita que grita "atirem todos ao mar"? Eu não sei.

Este texto não tenta fornecer respostas. Pensei que seria mais interessante abordar o problema mais uma vez.

Durante os últimos dez anos, período a que se refere a maior parte dos escritos aqui incluídos, debati estas dúvidas no meu coração, olhando por vezes para o céu noturno e vendo, uma a uma, as mesmas estrelas do passado. A luz continua a brilhar imperturbável sobre os problemas dos homens.